CASA E CAMINHO: A BOA-NOTÍCIA SE FAZ CORPO EM NOSSOS CORPOS

Sebastião Armando Gameleira Soares

O Evangelho segundo Marcos começa com uma frase na qual se condensa toda a proposta do texto: "*Princípio do Evangelho de Jesus Messias, Filho de Deus*". Isto quer dizer que com Jesus tem seu princípio, isto é, seu *começo* e seu *fundamento*, o acontecimento da Boa-Nova do Reino de Deus (1,14-15). Discípulos e discípulas levarão adiante a mesma Boa-Notícia, continuando Jesus como alicerce permanente de tudo o que venha a edificar-se em seguida. Pois, com Ele, o Reino não só é anunciado, mas é realizado: "o tempo chega à plenitude". Os dois títulos propostos dominam cada uma das partes do texto:

- Jesus é o *Cristo*: por sua maneira de ser e de atuar, Jesus de Nazaré vai revelando sua identidade. Em torno de si vai se levantando a pergunta: "Que é isto? Quem é este?" Ao concluir-se a primeira parte, finalmente Pedro, em nome dos discípulos, responde: "Tu és o Cristo" (8,30);
- Jesus é o *Filho* de Deus: toda a segunda parte tem em vista mostrar como se deve compreender a messianidade de Jesus. É certo, Ele é o Cristo. Mas o nervo da questão é chegar a perceber *como* Jesus é o Cristo. Sua nova maneira de ser provoca conflito com o sistema dominante em sua sociedade. Ele resiste até o fim e paga o preço de sua própria vida. Por esse caminho, revela que está muito além do que se poderia pensar do Messias. Jesus, incompreendido, rejeitado e crucificado, é o próprio Filho de Deus (cf. 15,39). Assim, a Boa-Notícia se abre aos confins do mundo, pois vem simplesmente *de Deus* que quer restaurar a sua criação.

Cada uma dessas duas partes se estrutura em torno de um símbolo-eixo. O primeiro é o da CASA, que domina toda a primeira parte (1,1–8,26). O outro é o do CAMINHO, que dirige as atenções para Jerusalém, ponto alto do conflito de Jesus com o sistema dominante e de toda a narrativa (8,22–16,20).

1. A casa – *a nova prática das mãos* (Mc 1–8)

A *casa* é o centro da atividade missionária na Galiléia, região que é desenhada por Marcos como espaço simbólico de realização da missão (1,14; 16,7). Jesus é o

pólo de irradiação. Ele ensina por sua maneira de agir (1,21-28). Em torno dele se reúnem discípulas e discípulos. Marcos diz isto de várias maneiras: são as pessoas que "mudam de vida e crêem no Evangelho" (1,15), saem do mar, "deixam as redes e o seguem" (1,18), "levantam-se e se põem a servir" (1,31; cf. 2,13-14), são "quem faz a vontade de Deus" (3,35), quem é *de dentro* e por isso recebe a revelação do segredo do Reino (4,11). A casa significa a relação de intimidade com Jesus; por isso, a quem *entra*, "tudo se explica em particular", enquanto aos "de fora" tudo permanece em "enigma" (parábola: cf. 4,33-34).

Fora da casa estão os *adversários*: escribas, fariseus e herodianos. São quem controla todo o sistema de convivência social, particularmente a *ideologia* que domina as pessoas e as aliena (1,21-28). Através deles manifesta-se o Adversário, Satanás, o Príncipe de outra casa, a de Beelzebu, reino que não resistirá ao "*homem* mais forte" (3,22-30; cf. 1,7). Seu coração está completamente endurecido às gritantes necessidades humanas (cf. 2,23-28; 3,1-6). "Abandonam o mandamento de Deus, apegando-se à tradição dos homens", usando da religião para fugir das exigências éticas que devem presidir as relações inter-humanas. Para eles a pureza se obtém através dos ritos, não do amor (cf. 7,1-23). Vivem espiando a Jesus para denunciá-lo e desmoralizá-lo (cf. 2,6-7.16.18.24; 7,1-5; 8,11). Seu fechamento é tal que sua ideologia é fermento de violência e morte: abandonam as pessoas à própria sorte e matam quem se levanta para defendê-las (cf. 3,1-6; 6,17-29; 8,14-15).

As "*multidões*", isto é, o povo comum, estão entregues ao abandono, "como ovelhas sem pastor" (6,34). São doentes, pobres, publicanos, mulheres ... e até gente de regiões gentias. As leis do sistema nada mudam em suas vidas, ao contrário, são-lhes peso insuportável. Permanecem famintas (cf. 2,23-28; 6,36; 8,2), leprosas (cf. 1,40-45), aleijadas (cf. 3,1-6), entregues ao mundo satânico de morte (cf. 5,1-43), sem poder ouvir a Palavra libertadora, nem proclamá-la (cf. 7,31-38), sem poder ver os sinais do Reino presentes bem perto de si (cf. 8,22-26). São pessoas postas à margem, tidas como *impuras* e inimigas de Deus: "pecador" tinha conotação, não só de marginalizado, mas também de marginal, de culpado (cf. 2,5.15-17; 7,1-5). Quantos dos casos de loucura e possessão não poderiam ser explicados pela angústia de estar definitivamente cortado(a) da "pureza" do povo da Aliança, se o não conhecimento da Lei por falta de instrução, certas profissões, as raízes familiares, a origem gentia e a própria condição feminina geravam impureza!

Por isso, naturalmente, as multidões simpatizam com Jesus e dele se aproximam (cf. 1,27-28.37; 2,2.15; 3,7-12; 4,1; 5,21; 6,31). Já começam a desconfiar da liderança dos escribas (cf. 1,22) e o trajeto de sua peregrinação já não mais as dirige ao Templo de Jerusalém, mas ao deserto (cf. 1,5) e ao corpo de Jesus, solidário de quem está excluído (cf. 1,40-45). Mas o povo ainda se acha debaixo do peso da ideologia do sistema, a "lei do sábado" o domina e o impede de ter aquela liberdade proposta e testemunhada pelo profeta de Nazaré (cf. 1,32-34). Ser "povo" não equivale simplesmente a ser "discípulo(a)". Será preciso romper com o sistema de vida em que se está

mergulhado, como no *mar*, massa inerte, oscilando de um lado para outro, entre o peso do sistema e a atração pelo novo que se começa a enxergar em Jesus.

Para Marcos, a fé significa ruptura. É preciso sair do mar (cf. 1,16-20: o mar lembra o sistema do *império* – cf. Daniel e Apocalipse) e livrar-se do peso da sinagoga (o sistema judaico articulado ao império). O batismo é o sinal da subida do abismo do caos, dominado pelas potências satânicas, é vitória, condição para transformar o "deserto" em paraíso, nova criação, afirmação do poder soberano de Deus que restabelece sua realeza (cf. 1,1-15).

Para entrar na casa de Jesus é preciso romper com o sistema de vida anterior, redefinir a própria inserção no mundo (vínculos de família) e na sociedade (vínculo de trabalho: cf. 1,16-20). Isso se concretiza em três passos: é necessário "ouvir" falar da *nova* e *inédita* prática de Jesus, pois "sua fama se espalha por todo lugar" (1,28.39; 3,8; 6,56). É preciso deixar-se tocar, diríamos hoje, pelo processo de conscientização que Jesus desencadeia pelo país a fora. Mas não basta "ouvir falar" dele. É preciso aproximar-se e fazer a experiência pessoal de sua potência salvífica. Para isso, porém, duas condições se exigem. Primeiro, interpretar corretamente o enigma de sua pessoa e de sua prática. É preciso responder à pergunta: "Que é isto? Quem é este?" (1,27; 4,41; 6,14-16; 8,27-30). Só no interior da casa é possível *penetrar* o segredo do Reino, quem está fora vai ficando sempre mais "por fora" (3,32; 4,1-41). Mas essa primeira condição tem de estar necessariamente associada a uma segunda, do contrário a semente ou é arrebatada, ou seca ou fica finalmente sufocada (cf. 4,1-9). Não é qualquer terreno que é favorável ao acolhimento da Palavra. É preciso ter a coragem de aproximar-se do corpo de Jesus, isto é, das relações concretas por ele promovidas, rompendo com os obstáculos que o impedem: a ideologia (cf. 2,4.23-28; 3,20-21), o próprio sentimento de marginalização (cf. 1,40; 2,15; 3,10), a humilhação e o medo (cf. 5,25-29), o sentimento de privilégio (cf. 5,22), o condicionamento da riqueza (cf. 10,21-22), o desejo de poder (cf. 10,41-45) ... Fé é *escuta*, nova prática dos ouvidos; é *visão*, nova prática dos olhos; e é *coragem* para mudar de vida (nova prática dos pés – vida na Bíblia é caminho) e experimentar a alegria da nova convivência na *casa* (nova prática das mãos).

Discípulos e discípulas, então, constituem o recinto da intimidade de Jesus. Na verdade, porém, também esse grupo não o compreende. Não é fácil desvencilhar-se da ideologia do sistema do mar e romper com a mentalidade satânica, solta à vontade na sinagoga (cf. 1,23-24). Sua estratégia continua a ser a mesma da multidão, imediatista e irresponsável (cf. 1,35-37). A convivência com Jesus vai, aos poucos, libertando-os para novos comportamentos (cf. 2,15-28), mas persistem na incompreensão (cf. 4,10-13). A potência satânica do abismo ainda tem força sobre eles e quase os faz regressar ao caos com o qual já tinham rompido (cf. 4,35.39; 1,16-20; 2,13-14). Sua mente permanece alienada, dependente dos poderosos, marcada pela idolatria do dinheiro (cf. 6,36-38). Paulo Freire o interpreta bem quando nos ensina sobre a introjeção do opressor no oprimido. Têm dificuldade de reconhecer a presença

de Deus no *homem* Jesus porque "não tinham entendido nada a respeito dos pães", seu coração, como o dos controladores do sistema, "estava endurecido" (6,45-52; 3,5). De fato, continuam sem fé (cf. 4,40), incapazes de ouvir e de ver, exatamente como "os de fora", sofrendo a contaminação do "fermento dos fariseus e de Herodes" (8,14-21; 4,11-13). Seus pensamentos continuam a ser "pensamentos de homens", inspirados por Satanás (cf. 7,6-9; 8,33).

No centro da casa está a mesa, a *partilha do pão*, como símbolo das novas relações econômicas, sociais e políticas (cf. 6,34-44; 8,1-10). O espaço messiânico só é comparável a banquete de casamento (cf. 2,15-20; Jo 2,1-12). Aí toda a gente tem lugar, pois o critério básico são as necessidades humanas a serem satisfeitas (cf. 2,23-28). Nada em comum com o banquete de Herodes, onde magnatas "comem a carne do povo" (cf. Mq 3,3) e decidem a morte de seus defensores (cf. 6,17-29). Até gentios são recebidos à mesa (cf. 7,28; 8,1-10). O novo sistema de convivência nasce da base, da gente comum, marginalizada: os doze novos patriarcas são homens iletrados, da "Galiléia das nações" (cf. 3,13-19); as mães do novo povo são mulheres "impuras", de seios estéreis, à beira da morte (cf. 5,21-43). Aliás, as mulheres são admitidas na casa, entre os discípulos, logo no começo do ministério de Jesus (cf. 1,29-31), são elas que o acompanham no momento culminante de sua vida (cf. 14,3-9; 15,40-47) e recebem o primeiro anúncio da Ressurreição para se tornarem missionárias (cf. 16,11-20).

É bom lembrar-se que a casa na Antigüidade não é apenas lugar de moradia e de consumo. É, antes, a unidade básica da economia e das relações sociais de produção. Junto a ela está a roça e a criação de animais, e nela se fabricam os produtos básicos da sobrevivência: o pão, o queijo, a vestimenta, o calçado, e até instrumentos de trabalho. Nessa economia "doméstica" camponesa, embora em moldura patriarcal, a mulher ainda tem lugar de destaque (cf. 1,30; 6,3; 7,25; Jz 5; 1Rs 1; Pr 31,10 e seguintes). Assim, a casa é símbolo particularmente apropriado para desenhar a proposta que Jesus deseja anunciar e promover, de novo sistema de relações sociais. Ele é herdeiro da tradição popular pós-exílica, a qual lutava pela reconstrução do país a partir da restauração de relações igualitárias entre o povo, à luz do antigo paradigma tribal. Isso se pode ver na abundante literatura produzida pelo "profetismo da casa": Isaías 56–66, Rute, Jonas, Neemias 5, Cântico dos Cânticos... Para Jesus já não se tratava de restaurar as instituições nas quais se firmara o reinado: a dinastia, o templo, o Estado nacional (cf. 12,37; 13,2). Não adiantava "remendo novo em pano velho" (2,21-22), era preciso refazer todo o tecido social a partir das bases e aberto à universalidade das nações (cf. 3,7-8; 7,24–8,10). Aí teriam lugar pessoas enfermas (cf. 2,5), marginalizadas (cf. 1,40-45), de má fama (cf. 2,15-17), impuras (cf. 5,1-20), gentias (cf. 5,19; 7,19.24-37), mulheres (cf. 10,1-12), crianças (cf. 10,13-16), pobres (cf. 10,21), sem poder (cf. 9,35)... Porque no centro estão o ser humano e as necessidades humanas, para além de fronteiras e acima de todas as instituições, até as mais sagradas (cf. 2,23-28; 3,1-6).

Os adversários decidem desde cedo matar a Jesus (cf. 3,6); seus parentes carnais "tropeçam" nele, escandalizam-se e o interpretam de acordo com a ideologia dominante (cf. 3,20-21); a multidão oscila, como o mar, atraída por "nunca ter visto coisa igual" (2,12), mas subjugada pelas regras do sistema e o medo do novo (cf. 1,32; 3,22-30; 4,1-34; 5,38-40; 6,14-16); até o seu grupo mais íntimo não o compreende, seus olhos permanecem cerrados, o "coração endurecido", e "nada entendem do sinal dos pães", isto é, de sua nova *prática das mãos* (cf. 4,13.40; 6,37.52; 8,17-21.33). Por isso, a solidariedade de Jesus com o povo marginalizado vai marginalizando-o sempre mais. Ao tornar-se um só corpo com o "leproso", ocupa seu lugar "permanecendo fora, em lugares desertos" (1,45). Ao confrontar-se com o sistema da Lei, do Sábado, da Sinagoga (cf. 1,21–3,6), sofre a rejeição e o desprezo (cf. 2,16; 3,6.22; 5,40; 6,16; 8,11), até de quem lhe está mais perto (cf. 3,20-21; 8,32). Há nele um mistério (cf. 4,11) que é quase impossível compartilhar (cf. 4,41) e que o faz viver íntima solidão. Em linguagem da Cristologia, poder-se-ia dizer ser esse o preço de sua condição: a solidão divina, o íntimo inatingível de sua unicidade e transcendência. Daí por que seu lugar é o *deserto*, lugar só seu, solidão compartilhada unicamente por Deus na oração (cf. 1,35.45; 6,32.46). Pois, na verdade, a transcendência divina obrigatoriamente se revela na história pela transgressão: conversão é necessariamente subversão, tanto da (des)ordem pessoal, como da (des)ordem social (cf. Ex 1–3).

Mas desde antigamente se sabe que a travessia do deserto é condição para recriar o povo (cf. Dt 8,14-16). Por lá caminharam os grandes escolhidos de Deus: Moisés, o libertador (cf. Ex 13,18), e Elias, o grande profeta da resistência (cf. 1Rs 19). É de lá que o antigo criador de contos vê surgir a casa camponesa como centro de uma terra transformada em paraíso (cf. Gn 2). Ao ser tocado pela marcha vitoriosa do povo de Deus libertado da Babilônia, o deserto se transformaria em jardim e a sequidão em fontes d'água – assim sonhara o profeta do exílio, fiel discípulo dos ideais de Isaías (cf. Is 40–55). João Batista arrastara multidões, "toda a região da Judéia e todos os habitantes de Jerusalém" (1,5) abandonavam as cidades, as "*obras* construídas por mão humana", em direção ao deserto, para começar tudo outra vez, como um grande jubileu de "perdão das dívidas" (1,4; cf. Lc 4,16-19) e restituição das terras e da dignidade da gente oprimida (cf. Lv 25). É daí que Jesus "*principia*" (1,1) a nova criação, restaurando a possibilidade de harmonia paradisíaca entre "anjos e feras" (1,13), a partir de nova *prática das mãos*: a partilha do pão (cf. 6,32 e seguintes). A fé abre caminho por entre a multidão (cf. 5,27), para "estar com ele" (3,14), aí, "sozinhos, no lugar deserto" (6,31), *incrivelmente* "lugar de *repouso*" ... (cf. 6,31; 1,12; Is 63,14).

2. O caminho – *A nova prática dos pés* (Mc 8–16)

A partir do capítulo 8, Jesus começa uma grande *caminhada* com seus discípulos em direção a Jerusalém. O centro de sua prática desloca-se agora da casa para o caminho. Jesus vai *ensinar* por sua caminhada (cf. 8,31). É interessante que, na passagem da *casa* (prática das mãos) ao *caminho* (prática dos pés), o evangelista faz referência explícita às duas outras práticas às quais se refere também ao longo do

texto: a dos ouvidos e a dos olhos (cf. 8,13-21: nesta cena percebe-se uma referência concentrada às quatro práticas: "foi para a outra margem", ver, ouvir, partilhar o pão). Continuamente, o evangelista nos recorda: "no caminho" (8,27), "caminhava através de ..." (9,30), "no caminho" (9,33.34), "partindo dali, foi ..." (10,1), "ao retomar sua caminhada" (10,17), "estavam no caminho" (10,32), "à beira do caminho" (10,46), "seguia-o pelo caminho" (10,52)...

Mesmo durante a estada em Jerusalém estará em contínuo vai-e-vém: "Ao se aproximarem de Jerusalém" (11,1), "entrou no Templo... saiu para Betânia" (11,11), "saíam de Betânia" (11,12), "chegaram a Jerusalém" (11,15), "dirigiu-se para fora da cidade" (11,19), "passando por ali" (11,20), "foram de novo a Jerusalém" (11,27). Durante o dia está no Templo, à noite "esconde-se" em Betânia, casa de seus amigos. O Templo é desenhado como centro do grande conflito oficial com as forças dominantes (cf. 11,27; 12,12.18.28.35.38.41) até que, "ao sair do Templo" (13,1), anuncia a derrubada do sistema, aparentemente tão grandioso e sólido (cf. 13,2).

Depois disso, seu corpo estará imobilizado e impotente, pregado na cruz. A última etapa da caminhada será para "fora da cidade", o preço de sua solidariedade com quem é excluído deste mundo (cf. 15,20; 1,45; Hb 11,37-38). Mas o anúncio final é o da retomada do caminho: "Ele vos precede na Galiléia" (16,17). Não se deve esquecer que, antes de seu corpo potente (cf. 5,30) reduzir-se à impotência, Jesus tem o cuidado de indicar para onde se dirige sua *prática dos pés*: para a sala do banquete onde acontece a nova prática das mãos – uma mulher, durante a ceia, *quebra* precioso vaso (vaso lembra corpo: cf. 1Ts 4,4) e *derrama* caríssimo perfume, símbolo do dom sem reservas e, assim, prefigura a outra coisa na qual o próprio Jesus entrega seu corpo para ser quebrado e seu sangue para ser derramado (cf. 14,1-11.12-32). Onde houver essa nova prática das mãos, aí se manifestará *a potência* transformadora de Seu corpo (cf. 16,14-20; Lc 24,28-32). A pedra de toque da revelação de Deus é "compreender a respeito dos pães" (6,52; 8,17-21).

A longa caminhada em direção a Jerusalém parte do extremo Norte do país, das aldeias de periferia de Cesaréia de Filipe. Toda a viagem constitui uma grande inclusão entre dois episódios de cura de cegos. Começa com o cego de Betsaida (cf. 8,22-26) e termina com o cego de Jericó (cf. 10,46-52). Ora, a secção anterior se concluíra com a dura repreensão de Jesus: "Tendes olhos e não vedes" (8,18). Os discípulos são cegos e Jesus terá muita dificuldade de curá-los, pois, mesmo que tenham começado a enxergar, ainda vêem o caminho confusamente (cf. 8,24-25). Mas nem tudo está perdido. Apesar das dificuldades de terreno (cf. 4,4-7) e da cegueira de olhos, alguém vai finalmente "segui-lo pelo caminho" (10,52).

Toda a caminhada será um reiterado movimento de instrução para a abertura dos olhos. O texto se constrói em três momentos iniciados por três nítidas estações que são os anúncios do destino de Jesus: 8,31-32; 9,30-32; 10,32-34. Na primeira parte do evangelho, do cap. 1 a 8, o texto se organiza em três grandes secções. Cada uma delas

começa por um sumário da atividade de Jesus e acrescenta-se logo a seguir uma cena na qual os discípulos vão sendo progressivamente associados ao ministério do Mestre:

I)	1,14-15:	Sumário do ministério de Jesus – Proclamação;
	16-20:	*Chamamento* dos discípulos;
II)	3,7-12:	Sumário do ministério de Jesus – Curas
	13-19:	*Escolha* dos Doze;
III)	6,6b:	Sumário do ministério de Jesus – Proclamação;
	7-13:	Missão dos Doze.

Cada uma das secções termina com um ato de rejeição de Jesus: da parte de seus adversários (3,1-6); da parte de seus familiares carnais, sob o peso da ideologia do sistema dominante (6,1-6a); da parte dos próprios discípulos, ainda vulneráveis ao dinamismo perverso do "fermento dos fariseus e de Herodes" (8,14-21). Vê-se, assim, como o clima do texto é dramático e intensamente conflitivo.

A partir de 8,27 a construção é semelhante. A caminhada para Jerusalém se divide em três subunidades, e, se antes se tratava da *missão*, agora se trata do *destino* do Messias. Também aqui cada vez segue uma palavra sobre o destino dos discípulos associado ao de Jesus:

I)	8,31:	Anúncio do destino de Jesus
	34-38:	O destino dos discípulos: tomar a cruz – resistir até o fim;
II)	9,30-32:	Segundo anúncio do destino de Jesus
	33-37:	O destino dos discípulos: ser o primeiro é ser o servidor de todos;
III)	10,32-34:	Terceiro anúncio do destino de Jesus
	35-45:	O destino dos discípulos: "dar a vida pela vida da multidão".

Também aqui, cada um dos movimentos termina com o "fracasso" da cura dos olhos: os discípulos se mostram impotentes na luta mortal contra o espírito imundo (cf. 9,14-29); têm a mesma mentalidade dos ricos, esperam "herdar" o Reino "por ter deixado tudo e seguido" (10,28; cf. Mt 19,27); e, além do desejo de riqueza, o que pretendem é o poder (cf. 10,36). Ao longo de toda a caminhada, o que Jesus pretende é justamente abrir seus olhos para os grandes perigos que ameaçam a nova prática comunitária da partilha. Apresenta como símbolos dominantes o *servo* (cf. 8,34-35; 9,26.35; 10,31.43-45), o *pequenino* (mulheres e crianças: 9,36-37.42; 10,11.13-16), o *pobre* (cf. 10,17-31). E alerta, com profunda intuição antropológica, para o que pode destruir a possibilidade de vida comunitária: o desejo de apropriação dos bens, a *riqueza* (cf. 10,17-31), e o desejo de apropriação das pessoas, o *poder* (cf. 9,33-40; 10,2.13.35-45).

O evangelista formula o texto introdutório (cf. 8,27-33) com referências literárias muito sugestivas. A grande caminhada começa nas aldeias de Cesaréia de Filipe, região de periferia e na fronteira. Aí se acha a terra-limite, domínio da antiga tribo de Dan, onde se abre o território israelita ao mundo gentio. Filipe é príncipe herodiano, lacaio do império. É significativo aludir-se a César. A secção anterior, sobre a missão,

começara com a conversa no palácio de Herodes (cf. 6,14-16); agora, quando se vai tratar do destino dos missionários, volta o mesmo tema em confronto com o sistema de poder, através do qual a sociedade judaica se articula ao império – o texto refere-se a Cesaréia de Filipe e ao Sinédrio (cf. 8,27.31). E há um jogo de palavras particularmente expressivo: "que pensam os *homens*", "o Filho do *Homem*", "as coisas de *homens*". Na verdade, trata-se de perceber qual o caminho da humanização. Jesus, enquanto humano, revela o caminho da autenticidade humana (cf. 2,10.27-28). Os "homens", porém, recusam-se a compreendê-lo. Por isso, o que "pensam", suas convicções, espontaneamente os desumaniza, os faz cair sob o poder do Adversário (Satanás), das feras que ameaçam devorá-los (cf. 1,13; Dn 7). O que está na base desse processo de desumanização é o sentimento de ambição, "o *homem* desejar ganhar o mundo inteiro". Ora, isso faz com que, na verdade, "perca a sua vida". "Tomar a sua cruz" vai, conseqüentemente, equivaler à coragem de "seguir" pelo caminho da humanização e *resistir* ao "adversário", a tudo o que desvia dessa direção da caminhada, a única que promove a *vida* (cf. 8,35-37). Pedro, como representante de quem se achega a Jesus, só aprenderá "as coisas de Deus" se se colocar no seguimento de Jesus.

Não se trata de "afastar-se", mas de "prosseguir *após mim*" (8,34; cf. 1,17). Os discípulos devem seguir "após Jesus", assim como Jesus mesmo se sente na estrada de uma longa fila de pessoas que vieram antes dele: Elias, os profetas, João Batista...

De fato, riqueza e poder dizem respeito ao próprio eixo em redor do qual gira a experiência humana. Na verdade, a pessoa vai construindo sua liberdade em relação com outras *pessoas* e pela mediação das *coisas*, ou seja, trata-se das relações sociais mediante nossa relação com a natureza. E aí se joga nosso destino. Ou aceitamos compartilhar poder e riqueza, e é a proposta de comunidade (cf. 10,29-31), ou nos apropriamos das pessoas e dos bens, e é o sistema assentado sobre a "dureza do coração" (3,1-6), do qual só resulta dominação (cf. 10,42), violência e morte (cf. 6,17-29). Eis por que Jesus é rejeitado e quem o segue é perseguido: são dois reinos incompatíveis, em mortal conflito (cf. 3,24-27).

Esse conflito se aprofunda no momento culminante do enfrentamento de Jesus com o sistema de convivência de sua sociedade, e não por acaso no Templo de Jerusalém, espaço oficial por excelência. Sabemos ser o Templo o centro simbólico de todo o sistema: é o tesouro, é a mais alta instância de Governo, é a suprema legitimação religiosa. Economia, política e religião aí se concentram para reger as relações sociais. Ao chegar ao centro do sistema, Jesus corajosamente denuncia sua perversão: a *idolatria*. O povo de Deus já não é mais a Casa de Deus, mas a casa dos ídolos, um "covil de ladrões" (11,17), entregue covardemente à "imagem" gravada na *moeda* (cf. 12,13-17): em vez daquela relação de "dom" prevista no Deuteronômio, tudo se perverteu em relações de compra e venda (cf. 11,15-17), e o valor das pessoas se mede por "lançar muitas moedas" no Tesouro (12,41).

A proposta de Jesus chama para o centro a *viúva*, "aquela que *dá* toda a sua vida", (12,42-44). Para o antigo sistema tribal, assistir a viúva, o órfão e o estrangeiro é a

pedra de toque para discernir da fidelidade a Deus conforme as leis do Deuteronômio. Ora, os privilegiados usurpam os primeiros lugares, e assim se mantêm enquanto avançam como feras violentas ("devoram") sobre os bens das viúvas, as mais pobres dos pobres, tudo legitimando às custas de "longas orações" (12,38-40). Degradam, assim, a religião a "ópio do povo". Para Jesus, ser forçado a pagar impostos obrigatórios ao Império Romano não pode equivaler a submeter-se espontaneamente ao usurpador do poder de Deus, mas tem de significar gesto de rejeição, é devolver o ídolo a si mesmo (cf. 12,17; Lc 22,2), para restituir a Deus o povo que lhe pertence, a vinha que plantara com tanto carinho desde os tempos do primeiro amor (cf. 12,1-12; Is 5,1-7). Os ídolos estão sempre a exigir sacrifícios humanos, mediante a apropriação das pessoas e das coisas. Ao contrário, se o Deus vivo é o Deus dos vivos (cf. 12,26-27), servi-l'O só é possível no amor e serviço entre os vivos (cf. 12,28-34).

Após o conflito final e decisivo com os representantes oficiais do sistema, Jesus abandona o Templo. "Senta-se no Monte das Oliveiras" (cf. Zc 14,4), em frente do santuário. Com a mesma coragem que inspirara o profeta Jeremias (cf. Jr 7), anuncia a destruição e a violência que se abaterá sobre a sociedade (cf. 13,1-23). O "vestido velho" se rasgará e os "reservatórios de vinho" se rebentarão (cf. 2,21-22), a "figueira" maldita por não dar os frutos esperados "secará até as raízes" (11,12-20), a "oliveira" tombará no terremoto (cf. Zc 14,5), os maus lavradores serão destruídos "e a vinha será entregue a outros" (12,9), "o Sumo Sacerdote rasgará as suas túnicas" (14,63) e "o véu do Santuário se rasgará em duas partes, de cima a baixo" (15,38). Com essas várias imagens, do início ao fim do texto, anuncia-se a destruição do sistema simbolizado particularmente pelo mar (o império das *legiões*: 5,1-17) e pela Sinagoga (a ideologia baseada na interpretação opressora da Lei: 3,1-6). É o "homem forte" amarrado e sua casa roubada com todos os seus pertences (cf. 3,27). Se a Casa já não é a Casa de Deus "para todos os povos" (11,17), se nela o Santo de Deus já é presença estranha e ameaçadora (cf. 1,24), "tal reino não poderá subsistir" (3,24).

O fim, porém, significa novo começo. Da terra arrasada, do deserto, ecoa a vitória contra o Adversário (cf. 1,12-13), proclama-se o Evangelho, a alvissareira notícia da vitória de Deus que se revela soberanamente Rei na libertação de seu povo (cf. 1,1-3.12-13; Is 40,9-11; 52,7-12; 61,1-3). As comunidades daqueles tempos deviam ser ajudadas a perceber que a catástrofe do judaísmo sob o fogo das armas de Roma, no ano 70 dC, era só o fim de *um* mundo, chance de novo começo. Na verdade, os olhos da fé já podiam perceber "o Filho do Homem nas nuvens do céu com grande poder e glória" (13,26.62), "assentado à direita de Deus" (16,19). "A pedra da entrada do túmulo fora removida", e, ao penetrar o sentido da morte de Jesus ("tendo entrado no túmulo ..."), era possível abrir os olhos e enxergar "um *jovem* sentado à direita, vestido com uma túnica branca" (16,5; cf. 9,3; At 7,55-56). Tudo podia recomeçar "a partir da Galiléia" (16,7), pois voltava a raiar o Sol, "de madrugada, no primeiro dia da semana" (16,2; cf. 1,35). A experiência vivida com Jesus revelara a seus discípulos e discípulas que, para usar a expressão cara a Paulo Freire, "o *inédito é viável*": do deserto pode renascer o jardim, como se sonhara na Babilônia (cf. Is 40–55); do caos

das águas do abismo o povo pode ser arrancado (cf. Is 63); para ocupar a terra, como nos dias de Moisés e de Josué; algo tão inédito, como no "princípio", quando o Espírito, como pássaro, "pairava sobre as águas" (Gn 1,2) e a pomba anunciava o renascer da criação (cf. Gn 8,8-12). Marcos desenha esse maravilhoso panorama logo no prólogo do texto: 1,1-13. Essa certeza leva quem segue o Crucificado a "sair a proclamar por toda parte, agindo com eles o Senhor, e confirmando a Palavra por meio de sinais que a acompanhavam" (16,20). Certeza da potência contida na semente (cf. 4,8.26-32); certeza de que da antiga figueira, seca até a raiz, novos ramos e novas folhas "começam a brotar" (13,28) ... "tal *dinamismo* acontece por Suas mãos" (6,2), mãos do Servo, "tomadas e modeladas" pelo Senhor que o envia como "aliança do povo e *luz das nações*", "a abrir os olhos dos cegos", "a fim de soltar da prisão os que habitam nas trevas" (cf. 1,11; Is 42,1-9).

Destruído o santuário, o que resta é a *casa*, e aí "Ele se manifesta ... quando estão à *mesa*" (16,14; cf. Lc 24,28-32), dá autoridade a seus servos, distribui responsabilidades e a cada qual ordena: "Vigiai!" (13,33-37). E, ainda hoje, continua a "censurar-lhes a incredulidade" (16,14). Pois, em redor da ceia, "um dos Doze" o entrega por dinheiro e "a rocha" se despedaça em vergonhosa covardia ... (cf. 14,10-31).

"E vós, quem dizeis que eu sou?" (8,29). Não basta vê-l'O, não é suficiente "contar" (16,8) a respeito dele, será preciso "voltar" (converter-se) e, no caminho, "pôr-se após Ele" (8,33) para aprender a "autoridade" da Palavra (1,27; 3,15) que acontece em "aquelas *energias* que se fazem por suas *mãos*" (6,2)...

ESQUEMA GERAL DO TEXTO

1,1-13 – Prólogo: Jesus, Messias e Filho de Deus, é o *Princípio do Evangelho*, Boa-Nova da realeza de Deus na libertação do povo.

Cumprem-se as *Profecias*:
- João Batista é o novo Elias, mensageiro dos últimos tempos;
- Jesus é a vinda final do Senhor.

Anuncia-se o tempo da *remissão* (jubileu)

O Profeta, Servo de Deus, é o novo Moisés, princípio do novo povo, iniciador de algo tão inédito que é como nova criação: do caos das águas e do deserto dá-se a chance de restaurar o paraíso pela vitória contra o Adversário.

Nota: Todo o conjunto do prólogo está incluído na moldura do *Evangelho* (1,1 e 14-15).

Todo o texto está incluído na moldura *Filho de Deus*: "Verdadeiramente este homem era Filho de Deus", proclama o centurião gentio, confirmando a verdade do título do livro (1,1; 15,39).

1,14–8,26 – Parte I – A casa na Galiléia, novo sistema de relações de convivência (a *Missão* de Jesus).

1,14–3,6 – *1ª Secção*: Conflito com a cidade, a sinagoga e o sábado. A casa de Jesus vai-se formando da multidão das pessoas marginalizadas e impuras que rompem com o mar (conversão).
- 1,14-45: pescadores, possessos, mulheres, leprosos... (um dia típico do ministério de Jesus);
- 2,1–3,6: pecadores (paralíticos), publicanos, transgressores da Lei, aleijados.

Nota: No centro do conflito, o desafio de atender às necessidades humanas – 1,41; 2,9.17.23–3,5. Frente ao sistema de morte, o novo só pode surgir mediante a transgressão: 1,41; 2,21-22. Por isso, os *adversários* decidem a morte de Jesus (3,6).

3,7–6,6a – *2ª Secção*: A casa é o novo povo das 12 tribos formada da multidão universal, mas é preciso romper com o mar (3,7-19).
- 3,20-35: a família carnal de Jesus não consegue interpretar corretamente o "enigma" de sua nova prática, por estar sob o peso da ideologia dos líderes do sistema ("o reino de Satanás");
- 4,1-41: só quem é "de dentro" chega a discernir o "mistério" do Reino, aos "de fora" tudo é enigma: a semente do Reino depende do terreno;
- 5,1-43: as categorias impuras, gentios e mulheres, "os que habitam no meio dos sepulcros", são chamados a formar o novo povo de Deus, mediante a fé.

Nota: A casa de Jesus é habitada por "quem faz a vontade de Deus" (3,35), já não é sua família carnal, pois esta o rejeita por falta de fé (6,1-6a).

6,6b–8,26 – *3ª Secção*: no centro da casa, a nova prática das mãos: a partilha do pão é a única maneira de dominar o mar.
- 6,6b-32: a missão do Reino ameaçada pela sombra assassina do rei Herodes;
- 6,33-56: a identidade de Jesus só se revela quando se "entende a respeito dos pães";
- 7,1-23: purificação ritual (alienação religiosa) X relação ética (relações sociais);
- 7,24–8,10: também os povos gentios são admitidos ao banquete do pão – e podem ouvir e proclamar.

Nota: Os discípulos "têm o coração endurecido" e "nada entendem a respeito dos pães", também eles estão mergulhados na ideologia dos "fariseus e de Herodes", são cegos (8,11-26; 4,40).

As duas secções centrais estão claramente articuladas entre si: 6,14-16 e 8,27-30.

8,27–16,8 – **Parte II: O caminho** para Jerusalém, abrir os olhos para o preço da missão (o *destino* de Jesus)

8,27–10,52 – *1ª Secção*: Na caminhada para Jerusalém, Jesus trabalha com dificuldade para abrir os olhos dos discípulos: a identidade de Jesus só se revela a quem percebe seu *destino.*

- 8,31–9,29: só participa da exaltação do Servo quem "toma sua cruz e segue". Os discípulos são impotentes na luta contra o espírito impuro;
- 9,30–10,31: o maior é o servidor de todos. Apropriar-se do *poder* e da *riqueza*, eis os obstáculos a participar do Reino. Os discípulos desejam "recompensa" ("herança" – riqueza);
- 10,32-45: "dar a vida pela vida da multidão". Os discípulos desejam os primeiros lugares (poder).

Nota: Toda a caminhada para Jerusalém está enquadrada pela moldura dos dois relatos de cura de cegos: os discípulos são o cego (8,22-26; 10,46-52).

11–13 – *2ª Secção*: O sistema idolátrico de dominação (poder e riqueza) tem de ser destruído

- 11,1-26: o Senhor "visita" o Templo que já não é mais a Casa de Deus, porém um "covil de ladrões" – como a figueira, "secará até a raiz";
- 11,27–12,44: o conflito final com os poderosos do sistema: o Deus vivo, Deus dos vivos X o ídolo do dinheiro, deus ao qual se imolam os necessitados (viúvas);
- 13,1-37: tudo será destruído, resta a *casa* como novo broto da figueira.

Nota: Toda esta secção está emoldurada pela "aparição" do Filho do Homem (11,9-10; 13,26) e pelo anúncio da destruição do Templo (11,12-20; 13,1-23).

14,1–16,8 – *3ª Secção*: A consumação do destino de Jesus: Paixão e Ressurreição – "Ele vos precede na Galiléia"

- 14,1-11.12-31: a ceia (o dom total) sob a sombra da traição e da negação (dinheiro e covardia);
- 14,32-72: o processo no Sinédrio – Jesus novo Templo e Filho do Homem. Toda esta unidade está emoldurada pela negação de Pedro (14,26-31.66-72);
- 15,1-47: o processo sob Pilatos resulta na condenação à morte – Jesus Rei e "verdadeiramente Filho de Deus" (15,39;1,1);
- 16,1-8: "De madrugada, no primeiro dia da semana, *elas* foram ao sepulcro, ao nascer do sol" – as mulheres recebem o anúncio do Ressuscitado, "mas nada contam a ninguém ...".

Nota: Toda esta secção tem como moldura a presença das mulheres: 14,3; 15,40-41.47; 16,1 e a menção da Páscoa: 14,1.12; 16,42.

16,9-20 – **Epílogo:** O Filho do Homem sentado à direita de Deus – revelação do Ressuscitado e envio dos discípulos em missão por toda parte.

Sebastião Armando Gameleira Soares
Caixa Postal 27 – Carmo
53001-970 Olinda, PE